



Revista

# Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

## UBUNTU: DESENVOLVENDO RELAÇÕES SAUDÁVEIS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Joana Marques de Lima Saar Xavier<sup>1</sup>

Maria de Fátima dos Santos Mendonça<sup>2</sup>

### RESUMO

Este trabalho é fruto das atividades realizadas com as crianças de 2 e 3 anos da turma 101 da Creche Municipal Sagrado Coração de Maria, situada em Rio Branco – Acre. A proposta “Ubuntu: desenvolvendo relações saudáveis na Educação Infantil” teve como objetivos compartilhar a filosofia africana Ubuntu com as crianças, estimular relações saudáveis na creche e aplicar a Lei 10.639/03 na Educação Infantil. Ubuntu significa “eu sou, porque todos somos”, também significa compartilhar, respeitar, cuidar, brincar “direitinho”, não bater, não tomar, acolher, agradecer, valorizar, tratar com afetividade, e é pensando em uma formação saudável e qualitativa, que incentivamos às crianças pequenas maneiras de contribuir com o seu próprio bem e do outro. Uma vez que a creche “trata-se de um espaço para experienciar o curso da vida, de experimentar a prática da cidadania, de se beneficiar de ambientes formativos que favoreçam o cultivo de atitudes saudáveis e o desenvolvimento de capacidades que possibilitem, às crianças, conviver e interagir construtivamente com os outros cidadãos”. A metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, a exposição do vídeo “Ubuntu”; após o vídeo houve a roda de leitura e de conversa do texto “Ubuntu”, sugestões de como cuidar de si e do outro e o exercício de compartilhar. Foi utilizada como base teórica autores como: Cury (2016), Seme (2012), Ki-Zerbo (2006) e Munanga (2005). A criança reproduz o que aprende no ambiente familiar, e às vezes, só tem a possibilidade de atuar de modo diferente quando tem novas orientações (que, em alguns casos, são fornecidas pela instituição de ensino onde se encontram), e é mediante isso que destacamos a importância da efetiva aplicação da Lei 10.639/2003 e da educação emocional em todos os níveis de ensino, para que as crianças cresçam contribuindo com uma sociedade mais respeitosa e afetiva.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ubuntu. Filosofia africana. Educação Infantil. Relações saudáveis. Lei 10.639/2003.

<sup>1</sup> Graduada em História Licenciatura, Ufac. Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais, Ufac. Professora na Secretaria Municipal de Educação Rio Branco - Seme. Pesquisadora no Observatório de Discriminação Racial do Estado do Acre – ODR/AC. E-mail: [joanamarx@gmail.com](mailto:joanamarx@gmail.com)

<sup>2</sup> Mestranda do Mestrado em Educação da Universidade Federal de Rondônia - UNIR. Professora na Secretaria Municipal de Educação Rio Branco – Seme. E-mail: [maryufam@gmail.com](mailto:maryufam@gmail.com)



Revista

# Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

## 1. INTRODUÇÃO

O sonho de viver em uma sociedade mais igualitária, mais respeitosa e menos injusta, sempre esteve em nossos anseios e enquanto educadoras, acreditamos que a Educação é o caminho que mais fornece esperança para sociedade que almejamos. A partir das leituras e estudos feitos, encontramos a filosofia africana Ubuntu, que significa “eu sou, porque todos somos”, que promove e estimula uma sociedade igualitária, de empatia e de solidariedade. E essa filosofia vai de encontro com o sonho de mundo que desejamos. A proposta “Ubuntu: desenvolvendo relações saudáveis na Educação Infantil” é fruto das atividades realizadas no ano de 2017 com as crianças de 2 e 3 anos da turma 101 da Creche Municipal Sagrado Coração de Maria, situada em Rio Branco – Acre (sob a gestão da coordenadora geral Danyelle Carlos da Silva D’Ávila e da coordenadora pedagógica Lislane Suellen Souza da Silva). Para a escrita deste trabalho, a metodologia utilizada foi a pesquisa bibliográfica, a exposição do vídeo “Ubuntu – toda escola deve fazer a diferença”; após o vídeo houve a roda de leitura e de conversa do texto “Ubuntu”, repetimos o termo e explicamos o seu significado e foram dadas sugestões de como cuidar de si e do outro. Também compartilhamos a experiência no evento da Universidade Federal do Acre – UFAC, III Semana em Favor de Igualdade Racial, no Grupo de Trabalho 04, coordenado pela Prof<sup>a</sup> Ma. Flávia Rodrigues Lima da Rocha.

O interesse pelo tema surgiu como forma de auxiliar as crianças pequenas a melhorem as suas práticas, a estimularem gostar de si e respeitarem as diferenças, a crescerem com relações saudáveis e como possibilidade de contribuir com o desenvolvimento de boas práticas sociais. A partir da filosofia Ubuntu (que é de origem africana), objetivamos: compartilhar a filosofia africana Ubuntu com as crianças, estimular relações saudáveis na creche e aplicar a Lei 10.639/03 na Educação Infantil.



Revista

# Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

## 2. DESENVOLVIMENTO

O racismo, a intolerância, o desrespeito, o preconceito, a discriminação, as diversas formas de violência e a maldade não são genéticos, mas são aprendidos socialmente a partir de nossas relações sociais e experiências de vida. Portanto, afirmamos que as crianças não são racistas, nem preconceituosas, nem intolerantes, nem discriminadoras, mas são seres humanos em formação que crescem em uma estrutura racista e que convivem com pessoas que possuem tais atitudes, e caso não tenham a possibilidade de receberem orientações saudáveis de convivência, infelizmente, colocarão em prática o que aprenderem no contexto familiar. Jares (2008) diz que “conviver significa viver uns com os outros com base em certas relações sociais e códigos valorativos, forçosamente subjetivos, no marco de um determinado contexto social”. E que “a família é o âmbito inicial de socialização e onde aprendemos os primeiros hábitos de convivência. Daí ser muito importante, e às vezes determinante, nos modelos de convivência que aprendemos.”

As crianças de 2 e 3 anos estão começando a conhecer e dar significados para o mundo em que vivem e muitas das vezes o contato que têm é com suas famílias. Ao irem para a creche estarão com novas pessoas e nesse local atuarão, de acordo, com os modos que trouxeram de casa. Trarão os conhecimentos que aprenderam no ambiente familiar e aplicarão na sala de aula. As crianças aprendem a partir do que observam, ouvem e assistem, daí a importância de as famílias estarem atentas para o que ensinam, falam, fazem ou assistem perto das crianças. Se uma criança é acostumada a viver em um lar em que bater, brigar, gritar faz parte do cotidiano, essa criança provavelmente atuará dessa maneira quando precisar resolver alguma situação. No caso de conviver com pessoas que estimulam, por exemplo, a gentileza, o respeito, a bondade, é possível que cresça praticando gentileza, respeito e bondade. Desse modo afirmamos que a família precisa atentar-se para o que ensina às crianças, uma vez que as mesmas reproduzirão o que aprendem no contexto do lar. Goleman (2011) afirma que “as lições são úteis para todas as crianças. Entre elas está, por exemplo, aprender nos primeiros anos de escola a controlar os impulsos”. Por exemplo: há crianças que,



Revista

# Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

para conseguirem algum brinquedo que está sendo usado por outro colega, batem ou mordem (então as educadoras e educadores conversam com a criança orientando que essa atitude não é correta e ensinam-lhe o modo mais adequado de obter o brinquedo desejado, estimulando uma melhor relação entre as crianças e o controle dos impulsos). Outro exemplo, é o de crianças cujos familiares adjetivam de modo negativo os seus cabelos ou a cor da pele, desse modo essas crianças crescerão tendo visão negativa de si e, se não houver uma intervenção, crescerão com baixa autoestima ou não gostando de si.

Na matéria “Ubuntu: a filosofia africana que nutre o conceito de humanidade em sua essência”, feita pela jornalista Natália da Luz Martins é possível observar que:

“No fundo, este fundamento tradicional africano articula um respeito básico pelos outros. Ele pode ser interpretado tanto como uma regra de conduta ou ética social. Ele descreve tanto o ser humano como “ser-com-os-outros” e prescreve que “ser-com-os-outros” deve ser tudo [...] A proposta de família alargada, que abraça toda a comunidade fortalecida a partir da ajuda mútua, sanando o sofrimento alheio, traz consigo a ideia da superação de diferentes tipos de discriminação, relacionados, por exemplo, à cor da pele, gênero, orientação sexual e religião.” (MARTINS, 2014).

A filosofia ubuntu é um verdadeiro ensinamento de relações saudáveis, e pela citação supracitada, é possível observar que faz parte de todos os aspectos da vida. Ubuntu é compartilhar, é respeitar, é cuidar, é brincar “diretinho”, é elogiar, é não bater, é não tomar, é acolher, é agradecer, é valorizar, é tratar com afetividade, é ser gentil, e é pensando em uma formação saudável e qualitativa, que incentivamos às crianças pequenas maneiras de contribuir com o seu próprio bem e do outro. Uma vez que a creche:

“Trata-se de um espaço para experienciar o curso da vida, de experimentar a prática da cidadania, de se beneficiar de ambientes formativos que favoreçam o cultivo de atitudes saudáveis e o desenvolvimento de capacidades que possibilitem, às crianças, conviver e interagir construtivamente com os outros cidadãos.” (SEME, 2012, p.14).

Para ensinarmos, também precisamos de formação e orientação tanto para trabalharmos a Lei 10.639/2003 quanto a Educação Socioemocional. E enquanto profissionais da Educação Infantil, acreditamos que quanto mais cedo ensinarmos às crianças pequenas



Revista

# Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

sobre maneiras saudáveis de relacionamento, crescerão cidadãos respeitáveis, promotores de paz e justiça.

Há 15 anos foi aprovada a Lei 10.639/2003 que: “estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". E mesmo após 15 anos de aprovação, não é aplicada como determina a lei. É necessário que haja formação adequada relacionada à temática para que as equipes das instituições de ensino tenham como lidar e combater situações preconceituosas, discriminatórias e racistas que possam ocorrer no ambiente escolar. Goleman, afirma:

“Além do treinamento do professor, a alfabetização emocional amplia nossa visão acerca do que é a escola, explicitando-a como um agente da sociedade encarregado de constatar se as crianças estão obtendo os ensinamentos essenciais para a vida — isto significa um retorno ao papel clássico da educação. Esse projeto maior exige, além de qualquer coisa específica no currículo, o aproveitamento das oportunidades, dentro e fora das salas de aula, para ajudar os alunos a transformar momentos de crise pessoal em lições de competência emocional.” (GOLEMAN, 2011, p. 331).

Aplicar a Lei 10.639/2003 é de grande importância para que as crianças negras tenham um olhar positivo sobre suas origens e cresçam gostando de si, da sua cor e da sua história (cresçam sabendo quem são e de onde vieram). Em seu livro “Ensinar a paz”, João Roberto de Araújo diz:

“O educador, na turbulência cultural da atualidade, está convocado a colocar plena atenção nos valores e comportamentos vigentes e identificar os equívocos e lacunas enraizados na cultura. Há muitas orientações equivocadas, há muitas lacunas que esperam por urgente tomada de consciência e mudança. Valeria a pena um esforço conjunto de todas as lideranças, especialmente da educação, para identificar e promover a difusão dos equívocos fundamentais presentes na cultura. Porém, no contexto das reflexões sobre Cultura de Paz, destaco o equívoco que julgo mais relevante: a lacuna e a negligência com a educação para as emoções. (ARAÚJO, 2013, p.04).

A história da humanidade e a maneira como aprendemos, findam deixando muitas lacunas. E para que as crianças tenham possibilidades educacionais diferentes das que ainda vemos, onde o que ainda prevalece é um currículo eurocêntrico, cuja as histórias de vitórias



Revista

# Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

ainda são do homem branco, onde os modos de vida tidos como referência são os dos europeus e para isso é necessário que os profissionais tenham formações sobre a temática. E também para que todas as crianças, independentemente da sua cor ou da condição socioeconômica, aprendam que são importantes e que não somos superiores ou inferiores a ninguém.

Como mencionamos, a parte prática do trabalho consistiu na exposição do vídeo “Ubuntu – toda escola deve fazer a diferença”; após o vídeo houve a roda de leitura e de conversa do texto “Ubuntu”, repetição do termo e explicação do seu significado e foram dadas sugestões de como cuidar de si e do outro. Onde as crianças apresentaram gosto e interesse pelo vídeo e pediram para vê-lo várias vezes, algumas diziam que as crianças que apareciam no vídeo eram de suas cores (para essa parte do trabalho contamos com a colaboração das assistentes de creche Ziliêde Monteiro da Silva, Sayonara Dias Moura e da professora mediadora Andréa Souza da Silva). Também foi realizado o exercício de compartilhar, onde pegamos um pacote de biscoito e perguntávamos às crianças: “O que é para fazer com esses biscoitos?”, elas diziam: “é para dividir, compartilhar”/ “Vocês não vão comer sozinhas?”, então respondiam: “não, nós vamos dividir com o coleguinha”, (as mesmas pegavam o pacote, tiravam um biscoito e passavam para os colegas) . Ao final foi pedido que as crianças citassem exemplos de como podem cuidar melhor umas das outras (falavam que não poderiam morder e nem bater, nem tomar os brinquedos, tinham que dividir e ajudar).

No decorrer dos 10 meses de aula, fizemos diferentes atividades voltadas à aplicação da Lei 10.639/2003. No primeiro dia de aula, foi feita a leitura do texto “Ubuntu” para as crianças e seus familiares e também foi feito o exercício de compartilhar. Durante as aulas apresentamos a África para as crianças, mostrando que é um continente que possui diferentes modos de vida, além de mostrarmos a beleza das paisagens e dos diversos pontos turísticos (mostramos algo diferente do que geralmente é transmitido sobre o continente: lugar de miséria, doenças, desnutrição e selvageria). Falamos de alguns reis e rainhas do continente. Foram feitas leituras de histórias africanas, era pedido que as crianças recontassem as histórias lidas e boa parte delas recontavam. Realizamos a confecção de Abayomis com as crianças e contamos a histórias de criação dessas bonecas de tecido (depois da contação, foi



Revista

# Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

solicitado que as crianças dissessem para quem dariam as bonecas e a elas respondiam: “darei para a mamãe”, “para o papai”, para a vovó e vovô, “para a professora” / nas aulas após a confecção das bonecas, alguns familiares chegavam perguntando sobre as histórias, porque as crianças estavam contando em casa). Falamos das artes africanas, envolvendo a culinária, as brincadeiras e as danças. Trabalhamos as cores, usando as cores de bandeiras da África (interessante que algumas crianças quando olhavam algo que tinha as mesmas cores, falavam: “olha, igual à da África”). Quando trabalhamos identidade, falamos sobre nossas cores de pele e o quanto cada cor é linda, sobre os cabelos (mostrávamos e fazíamos penteados), destacando a importância de gostarmos de nós como somos, além de compartilharmos imagens de pessoas negras de sucesso (com a intenção de promover a representatividade positiva) e realizamos várias outras atividades. Sempre procurando destacar a importância de cuidarmos uns dos outros e respeitar as diferenças.

A partir dessas atividades realizadas (e de outras que realizamos no decorrer do ano) foi possível observar uma significativa melhoria nos modos de as crianças se tratarem e se cuidarem:

- Menos mordidas, beliscões e batidas;
- Crianças se reconhecendo como negras (durante a exibição do vídeo “Ubuntu”, algumas falavam que as crianças que apareciam eram de suas cores) e tendo interesse pelas histórias contadas (inclusive pediam para que recontássemos as histórias);
- Mais crianças gostando de si, dos seus cabelos e de suas cores e
- Mais relações saudáveis (mais gentileza, gratidão, carinho, respeito, valorização e compartilhamento).

As famílias estão necessitando de orientações, elas passarão às suas crianças o que aprenderam no decorrer de sua história de vida. As pessoas ensinam o que aprenderam e só podem ensinar diferente, quando possuem a possibilidade de conhecer um outro olhar sobre as situações. Mediante isso destacamos o que a Constituição Federal diz em seu artigo 205: “a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania...” O Estado entraria no sentido de orientar os familiares, dialogar



Revista

# Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

sobre os conflitos existentes na sociedade e propor novos caminhos de relações sociais, afim de contribuir com um preparo para o exercício da cidadania. Para Jares (2008), a escola seria: “[...] O segundo grande âmbito de socialização em nossas sociedades. A escola, como artífice cultural, gera ritos que deixam vestígios no âmbito da convivência. [...] estimulam determinados modelos de convivência”.

Munanga diz:

“alguns dentre nós não receberam na sua educação e formação de cidadãos, de professores e educadores o necessário preparo para lidar com o desafio que a problemática da convivência com a diversidade e as manifestações de discriminação dela resultadas colocam quotidianamente na nossa vida profissional” (MUNANGA, 2005, p.15).

É necessário que haja “afroetização” e alfabetização emocional no espaço escolar, que se tenha educação para as relações étnico-raciais e educação das emoções. Com esperança, Ki-Zerbo disse:

“[...] é preciso favorecer as redes de grupos que criem um projeto para “o homem novo” no século XXI. Um homem aberto à alteridade e que, sobre uma base econômica e social mínima, esteja aberto às relações, às ligações humanas, a uma ética universal e aos valores[...] Proponho, pois, um projeto que seja como um foguete com três estágios: os bens econômicos, as ligações sociais (que compreendem as relações humanas, os serviços e a organização humana) e os valores. Esse projeto humano [...] será construído com base nos valores de solidariedade, convivência, alteridade, compaixão, autocontrole e equilíbrio[...]” (Ki-Zerbo, 2006, p.156-157).

Ki-Zerbo nos convida a sermos pessoas abertas à alteridade, a olhar menos para si mesmo, a importa-se mais com o próximo e construir valores saudáveis. A mudança precisa começar nos adultos, porque é com o nosso modelo que as crianças aprenderão a atuar na sociedade. Então, se os nossos modos de atuar não forem bons, elas nos refletirão e repassarão o que ensinamos.

### 3. CONCLUSÃO



Revista

# Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

A representatividade positiva, o empoderamento, as relações saudáveis são importantes para a formação de nossas crianças. Por meio das atividades que realizamos, tivemos mais crianças gostando de si, dos seus cabelos e de suas cores, além de mais relações saudáveis (onde o tratamento estava pautado em gentileza, gratidão, carinho, respeito, valorização e compartilhamento). Desse modo, acreditamos que é preciso influenciar o crescimento de crianças empoderadas, de relações socioemocionais saudáveis e representatividade positiva. Estimular as crianças a gostarem de si mesmas e das pessoas pelo o que elas são e não pelo o que têm ou por suas aparências. Crianças que, nos relacionamentos, não sintam-se superiores a ninguém por suas características físicas ou condições sociais. Crianças dispostas a não aceitarem injustiças e que estejam dispostas a levantar outras crianças, e não a diminuí-las. Devemos empoderá-las para que desde cedo cresçam tendo forças para lutarem, para que tenham senso de equidade, para serem pessoas justas e não compactuem com as maldades sociais, e desse modo ajudarão outras pessoas contra as situações de preconceito, de discriminação, de machismo, de exclusão e de racismo.

A criança transfere o que aprende no ambiente familiar, e às vezes, só tem a possibilidade de atuar de modo diferente quando tem novas orientações (que em alguns casos são fornecidas pela instituição de ensino), daí a nossa responsabilidade profissional, uma vez que contribuiremos com a formação dos futuros cidadãos de nossa sociedade. É mediante isso e com o coração cheio de esperança que destacamos a importância da efetiva aplicação da Lei 10.639/2003 e da educação socioemocional em todos os níveis de ensino, para que as crianças cresçam com autoestima elevada, confiantes, gostando de si, gostando das outras pessoas, conhecendo suas origens, aceitando as diferenças e contribuindo com uma sociedade mais respeitosa, equânime e afetiva.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACRE, **Proposta pedagógica para as creches (2 e 3 anos) do Município de Rio Branco.** Elaboração Instituto Abaporu de Educação e Cultura. Rio Branco: SEME/SEE, 2012.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência emocional.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.



Revista

# Em Favor de Igualdade Racial

ISSN: 2595-4911

v. 1, n. 1, (Fev - Jul) 2018

JARES, Xesús R. *Pedagogia da Convivência*. São Paulo: Palas Athena, 2008. Disponível em: <http://www.comitepaz.org.br> acessado em 10/12/2017

KI-ZERBO, Joseph. **Para quando a África?** : entrevista com René Holenstein. Joseph Ki-Zerbo: tradução Carlos Aboim de Brito. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

MUNANGA, Kabengele (Org). **Superando o Racismo na escola**. 2ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

“Ubuntu toda escola deve fazer a diferença”. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=JEPKibl9oss> Acesso em 06/11/2017.

ARAÚJO, João Roberto de. *Ensinar a paz*. Disponível em: <https://www.inteligenciarelacional.com.br/educacao-emocional-e-social/leituras-recomendadas/downloads/prof-joao-roberto-de-araujo-ensinar-a-paz> Acesso em 17/12/2017.

Senado Federal. *Constituição Brasileira de 1988*. Disponível em: [https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/CON1988\\_05.10.1988/art\\_205\\_.asp](https://www.senado.gov.br/atividade/const/con1988/CON1988_05.10.1988/art_205_.asp) Acesso em 19/12/2017.

LUZ, Natália da. *África. Ubuntu: a filosofia africana que nutre o conceito de humanidade em sua essência*. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/ubuntu-filosofia-africana-que-nutre-o-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia> Acesso 19/12/2017.